

**PEDAGOGIAS PERIFÉRICAS: histórias de vida das catadoras da cooperativa  
Santa Rita/ RS**

PEDAGOGÍAS PERIFÉRICAS: historias de vida de recolectoras en la  
cooperativa Santa Rita / RS

PERIPHERAL PEDAGOGIES: life stories of collectors at the cooperativa Santa  
Rita / RS

Cristiane Troina Ferreira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/000-001-5092-0380>

Raylene Barbosa Moreira<sup>2</sup>

<https://orcid.org/000-001-9641-634X>

Amanda Motta Castro<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0471-1240>

**Resumo:** O presente artigo proporciona um espaço para contar histórias de vida de mulheres que trabalham na catação de materiais recicláveis na Cooperativa de Reciclagem Santa Rita, localizada na cidade de Rio Grande/RS. Para isso, utilizamos como metodologia, pressupostos da história oral e entrevista aberta. Tendo como objetivo geral compreender como as mulheres que se ocupam da catação, na cooperativa de reciclagem Santa Rita, se reconhecem enquanto mulheres e como este reconhecimento está atrelado ao mundo do trabalho e educação. Mesmo que as mulheres sejam a maioria no espaço da catação, conforme dados encontrados ao longo da realização da pesquisa,

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande. Cientista Social pela Universidade Federal de Pelotas. Atualmente é tutora da UFPel e professora de sociologia. Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lélia Gonzalez. E-mail: [cristroina@gmail.com](mailto:cristroina@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande, Especialista em Direitos Humanos e Ressocialização, Pedagoga pela Universidade Federal Fluminense. Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lélia Gonzalez. E-mail: [raylenemoreira95@gmail.com](mailto:raylenemoreira95@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande /FURG e docente do Departamento de Educação da mesma instituição. Grupo de estudos e pesquisa interdisciplinar Lélia Gonzalez. E-mail: [motta.amanda@terra.com.br](mailto:motta.amanda@terra.com.br)

**Como referenciar este artigo:**

FERREIRA, T. C.; MOREIRA, R. B; CASTRO, A. M. Título. PEDAGOGIAS PERIFÉRICAS: histórias de vida das catadoras da cooperativa Santa Rita/ RS. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-22, 2021.

há ainda uma resistência em reconhecê-las enquanto liderança nesse espaço. Além disso, é possível observar, a partir das histórias de vida das mulheres, que todos os espaços nos educam e elas fazem o trabalho de educar-se entre si. O que concluímos a partir da pesquisa é a construção coletiva dessas mulheres do direito de ser mulher, compreendendo sua importância e lugar no mundo. Além disso, é possível encontrar em sua prática, conceitos importantes para o feminismo, como, por exemplo, a dororidade.

**Palavras-chave:** Mulheres catadoras. Educação. Feminismo. Movimentos.

**Resumen:** Este artículo brinda un espacio para contar las historias de vida de las mujeres que trabajan en la recolección de materiales reciclables en la Cooperativa de Reciclaje Santa Rita, ubicada en la ciudad de Rio Grande / RS. Para ello, utilizamos como metodología, supuestos de historia oral y entrevista abierta. Su objetivo general es entender cómo las mujeres que trabajan en la recolección de residuos, en la cooperativa de reciclaje Santa Rita, se reconocen como mujeres y cómo este reconocimiento se vincula al mundo del trabajo y la educación. Si bien las mujeres son mayoría en el espacio de recolección, según los datos encontrados a lo largo de la investigación, aún existe resistencia a reconocerlas como líderes en este espacio. Además, es posible observar, a partir de las historias de vida de las mujeres, que todos los espacios nos educan y ellas hacen el trabajo de educarse unas a otras. Lo que concluimos de la investigación es la construcción colectiva del derecho de estas mujeres a ser mujer, entendiendo su importancia y lugar en el mundo. Además, es posible encontrar en su práctica conceptos que son importantes para el feminismo como, por ejemplo, el dolor.

**Palabras clave:** Mujeres recicladoras. Educación. Feminismo. Movimientos.

**Abstract:** This article provides a space to tell the life stories of women who work in the collection of recyclable materials at the Santa Rita Recycling Cooperative, located in the city of Rio Grande/RS. For this, we used as a methodology, assumptions of oral history and open interview. Its general objective is to understand how women who work in waste collection, in the Santa Rita recycling cooperative, recognize themselves as women and how this recognition is linked to the world of work and education. Even though women are the majority in the collection space, according to data found throughout the research, there is still resistance to recognizing them as a leader in this space. Furthermore, it is possible to observe, from the women's life stories, that all spaces educate us and they do the work of educating each other. What we conclude from the research is the collective construction of these women's right to be a woman, understanding their importance and place in the world. In addition, it is possible to find in her practice, concepts that are important to feminism, such as, for example, pain.

**Keywords:** Waste pickers. Education. Feminism. Movements.

## INTRODUÇÃO

*“Os pobres moravam num terreno da Câmara: O Patrimônio. Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar seus filhos ao relento.”*

*Carolina Maria de Jesus –Diário de Bitita*

O presente artigo é resultado de uma dissertação<sup>4</sup> defendida em 2021 durante a pandemia da COVID-19. Dentre muitas discussões sobre empoderamento e feminismo entre os muros da academia, havia a provocação sobre para quem seria a luta feminista. Assim, levantava-se a discussão de que mais mulheres necessitavam estar juntas. Além disso, emergia o desejo de provocar o sentimento da luta feminista em outras mulheres, despertando o empoderamento.

No Brasil, empoderamento é considerado um neologismo, ou seja, uma palavra nova, utilizada quando não encontramos alguma outra existente para que possamos adjetivar. Berth (2019), chamando a atenção para o fato de como o empoderamento é um conceito completo, principalmente considerando a atualidade, incita-nos a refletir sobre a necessidade de compreendermos sua complexidade. De acordo com a referida autora, dentre os muitos conceitos apresentados, ela destaca o de Solomon (1976) que traz o empoderamento como um processo de autodireção, ajuda e fortalecimento, sobretudo entre a população negra.

Houve um encantamento com a história de vida de Carolina Maria de Jesus<sup>5</sup>, mulher negra e catadora de lixo, que traz em seus escritos a esperança na leitura, escrita e educação. Seu livro, “Quarto de Despejo”, publicado na década de 1950, traz um registro acerca da profissão de catadora de lixo, contextualizando, a partir da sua história de vida, o cotidiano de uma mulher negra, periférica, que tira da catação de lixo o sustento para seus filhos. Conforme Motta (2017, p. 37):

Por esse registro sabemos que a catação existe há mais de 50 anos quando muitas pessoas catavam ferros, sucatas e papel para vender. Essa foi a alternativa de trabalho que se colocou para muitas pessoas pobres de baixa escolaridade que não tinham outra forma de obtenção de renda, por isso se inserem em um trabalho marcado por condições precárias e não típica do capitalismo (patrão e empregado).

<sup>4</sup> Que tem como título “Vivências de catadoras na cooperativa de reciclagem Santa Rita/RS”, defendida no primeiro semestre de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande-PPGEDU/FURG.

<sup>5</sup> Carolina Maria de Jesus (1914-1977): Uma das primeiras e destacada escritora negra do Brasil, em cujos registros podemos encontrar o dia-a-dia de uma mulher catadora na década de 1950 na grande São Paulo.

Nos cadernos de Carolina, seu cotidiano e suas lutas diárias são narrados através da escrita simples de uma mulher periférica, que, de uma forma singela e despretensiosa, nos mostrou o cotidiano de uma mulher negra e favelada na década de 1950.

Utilizando como inspiração Carolina de Jesus, temos por objetivo geral compreender como as mulheres que se ocupam da catação na cooperativa de reciclagem Santa Rita, se reconhecem enquanto mulheres e como este reconhecimento está atrelado ao mundo do trabalho e educação. E, como objetivos específicos buscamos responder quem são mulheres que trabalham na cooperativa; construir diálogos sobre como elas se reconhecem e reconhecem o trabalho de catação e refletir sobre como acontece o movimento educacional neste espaço.

A pesquisa traz em seu escopo o desejo da luta, a resistência em meio a uma pandemia do vírus Covid-19<sup>6</sup>, iniciada no Brasil no início do ano de 2020, em que a possibilidade das discussões e a situação mundial de políticas para saúde, economia e social passam a ser reavaliadas. Tornam-se ainda mais nítidas as diferenças de classe social, em que o capitalismo está acentuado, visto que, enquanto a alguns é permitido estar em isolamento social, a outras pessoas não há possibilidades de tal privilégio.

Destacamos que o isolamento social é, sim, uma questão social que as mulheres da cooperativa do lixão Santa Rita não possuem<sup>7</sup>. As mulheres continuaram e continuam trabalhando para manutenção e equilíbrio do ambiente. O que destacamos é que, considerando nosso lugar de privilégio em detrimento das outras, optamos por pausar a pesquisa durante os meses que sucederam o início da pandemia. Tendo em vista os prazos de pesquisa, exigências dos programas de pós-graduação e cumprimento do tempo estabelecido para o término do mestrado, retornamos nossas atividades seis meses depois, em setembro de 2020. Reconhecemos nosso lugar de privilégio e nos solidarizamos com a luta das mulheres que ainda não ocupam esse espaço. A elas, sororidade.

Mediante o exposto, a investigação traz em sua essência a importância de cada uma das mulheres, muitas chefas de família, que deram início à cooperativa e estão lá, lutando umas pelas outras, educando a si e as outras. Através de suas narrativas, elas mostram

<sup>6</sup> <https://www.paho.org/pt/covid19>

<sup>7</sup> A pesquisa seguiu os preceitos éticos previstos pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS).

que, ali, a discussão sobre temática da luta feminista no cotidiano é vivida na prática das mulheres catadoras.

Como caminho metodológico, foram usadas pressupostos da história oral e memória, possibilitando que as mulheres envolvidas na pesquisa possam humanizar suas percepções de mundo, utilizando a fonte oral como recurso para que a memória revisitada possa apresentar à narrativa e as experiências das envolvidas, para que possamos, nesta pesquisa, exibir o lugar ocupado por essas mulheres.

Quando a memória é convocada para projetos que tratam aspectos da localização dos indivíduos na sociedade, seus enquadramentos são concebidos como filtros que conduzem a narrativa das experiências. Assim, pode-se relacionar a existência da memória segundo condição do trabalho, saúde, orientação sexual ou outra manifestação que organize a leitura dos fatos relevantes para vida. (MEIHY, 2005, p. 57).

Salientamos aqui que a narrativa (história contada) é uma seleção de fatos e impressões que são elencados pelas mulheres da pesquisa. Mesmo que o processo partisse de perguntas que direcionassem a conversa, elas elencaram as memórias julgadas como pertinentes ao processo e ao momento em que vivenciam. Sendo essa pesquisa de caráter qualitativo, destacamos Nogueira, Barros, Araújo e Pimenta (2017) que apontam que a pesquisadora escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas com gravação ou não, o relato de história da vida de alguém que a ela se conta. Portanto,

[...] nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história de vida é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e discutido entre o sujeito participante e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa. (NOGUEIRA; BARROS; ARAÚJO; PIMENTA, 2017, p. 468).

Embora a memória coletiva seja um documento, sua validação se dá no individual, tendo o entrevistado “valor”, ao tensionar o sentimento do coletivo. A história oral vinda da memória de indivíduos silenciados dá valor à história coletiva, seja incorporando-a ou rejeitando-a. Nessa perspectiva, não se deve polarizar tipos, nem rejeitar alguma história e, sim, ouvi-las como multiplicidades.

Foram utilizados como instrumentos e técnicas de pesquisa a entrevista semiestruturada e diário de campo e, por meio dos quais buscou-se proporcionar um espaço de reflexão e discussão da ótica do processo de construção identitária de três

mulheres que trabalham com catação de resíduos na cooperativa Santa Rita, buscamos uma metodologia que conseguisse dar conta desse universo de vozes silenciadas pelo estigma da catação, portanto, fizemos as análises a partir de três entrevistas.

Vê-se, nas histórias dessas mulheres catadoras, que o feminismo “é reconhecer seus sacrifícios, honrar suas vidas em toda a sua complexidade, os riscos que assumiram, as hesitações e as desmotivações que conheceram” (VÈRGES, 2020, p. 35). Daí a importância de proporcionar que essas mulheres falem sobre suas histórias e perspectivas de vida, sua visão de mundo, o quanto suas vidas estão atreladas ao trabalho da catação de resíduos e o quanto esses marcadores sociais proporcionam suas expectativas e sonhos de vida.

## 1. O LIXÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS: CONTEXTUALIZANDO

Após se tomar conhecimento da história de Carolina de Jesus e com a ideia de ocupar outros espaços de discussão das temáticas relacionados ao feminismo, assim como a insubmissão das mulheres que, cotidianamente, quebram com o que foi pré-estabelecido e compreendendo a lógica de exclusão do sistema capitalista em que estamos inseridas, é que emerge o desejo de pesquisa e diálogo com as mulheres.

Surgiu o primeiro contato com as mulheres que trabalham na catação de resíduos recicláveis na Cooperativa de Reciclagem e Defesa do Meio Ambiente Santa Rita, conhecida popularmente como “cooperativa do lixão”, vez que sua sede era localizada junto ao antigo lixão da cidade de Rio Grande, que hoje se encontra desativado.

O lixão é o ponto inicial para compreendermos o encontro dessas mulheres até a criação da cooperativa, esse espaço marcado por muitas histórias de resistência e sobrevivência. Salientamos que este deixou de ser utilizado em novembro de 2009, passando o descarte de resíduos sólidos a ser feito no aterro sanitário, e os materiais reciclados, nas sedes das cooperativas de reciclagem da cidade.

Há muito tempo, a cidade do Rio Grande se utiliza de lixões, para a destinação final dos resíduos sólidos que restam das atividades urbanas. Naqueles locais são lançadas todas as formas concebíveis de resíduos, como lixo domiciliar, comercial, industrial, hospitalar e outros, provenientes de atividades típicas da cidade, indiscriminadamente. (OLIVEIRA, 1992, p. 57).

Como destacamos anteriormente, o funcionamento desse espaço ocorreu até 2009. Isso porque, em 2002, ocorrera um grave acidente com um catador, o que levou o poder público a tomar uma decisão, conforme destacam Damasceno e Ememrdoerffer:

No município de Rio Grande / RS somente após uma matéria divulgada a nível nacional e dois acidentes graves, inclusive um deles levando a vítima ao óbito, é que a prefeitura municipal, devidamente pressionada pelo ministério público, resolveu tomar a melhor medida política para o caso: fechar o lixão e empregar cerca de 200 catadores temporariamente no serviço público para realização de diversos trabalhos. Uma medida imediatista, como várias das decisões políticas, mas que pode ser utilizada a favor de algo muito maior que é a verdadeira promoção social desses indivíduos. Contudo, o processo de promoção social passa pelo conhecimento aprofundado sobre as principais características que envolvem as condições de vida dos catadores para somente a partir daí estudar as maneiras de facilitar a sua transição para uma vida fora do lixão (DAMASCENO; EMEMRDOERFFER, 2004, p.631).

Como as medidas de fechar o espaço para catação fazia parte de uma medida política provisória que viabilizou minimizar os impactos sociais e políticos e a partir de uma manifestação do Ministério Público, como penalização ao poder público municipal, foi instituída a criação de um centro de triagem de materiais recicláveis, possibilitando melhor a separação dos resíduos. Ainda podemos ressaltar que, nesse ambiente da catação, a situação de vulnerabilidade social e a busca pela sobrevivência fazem com que várias mulheres passem os seus dias em meio a resíduos, muitas vezes não só buscando o material para reciclar ou vender, mas também material com o qual elas darão forma a suas casas, material que as fará adentrar, mesmo que de forma precária, no mundo da leitura e educação formal, como os livros, e, para algumas, material de onde advém o próprio alimento.

O lixo que, para uma parcela da sociedade, é apenas o descarte do que não serve mais e que não há mais utilidade, para outra parcela significativa, é transformado e ressignificado para constituir a renda básica da família e até mesmo construir seu lar. Isso faz com que os catadores tenham uma dependência social do lixão, pois, conforme Santos (2009, p. 18), “a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social”.

Muitas pessoas sobrevivem desse lixo. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 800 mil pessoas ocupam-se da catação. Destaca-se que

nesse número não estão inclusos aqueles catadores que não têm residência fixa, visto que o IBGE contabiliza apenas aqueles com domicílios. Assim, existem milhares de catadoras e catadores que sobrevivem da catação e estão ocupando espaços em lixões pelo país não contabilizados. Ressaltamos que 70% dessas pessoas que se ocupam da catação são mulheres, na sua grande maioria, responsáveis pelo sustento da prole. São essas mulheres que dão conta da coleta e separação de 90% dos resíduos sólidos produzidos no Brasil. Conforme apontado nos dados, essa presença majoritária das mulheres, nesse ambiente de catação, baseia-se nos dados de 2014 e divulgados em 2017. Como se trata dos últimos dados divulgados, é bastante provável que esse número tenha sido elevado, devido às mudanças socioeconômicas que ocorreram nos últimos anos no nosso país.

Sendo assim, considerando os dados divulgados em nível nacional, após reflexão em escala macro (nacional), atemo-nos a essa parcela da população que se ocupa da catação, mais especificamente no extremo sul do Rio Grande do Sul, em Rio Grande. Destacamos aqui estudos feitos em 2012 que nos mostram um panorama da população que se ocupa da catação, composta por um grande número de mulheres, algumas das quais passam a participar das unidades de triagem, as cooperativas. Como mostram Amaro e Verdum:

Quanto ao perfil dos/as trabalhadores/as que atuam nas unidades de triagem, em 2012 eram 42 catadores atuantes, sendo 24 mulheres e 18 homens. As mulheres variavam entre 19 e 68 anos, e os homens entre os 20 e os 75 anos, sendo que 14 dessas pessoas possuíam idade igual ou superior a 50 anos. Sobre a ocupação que cada indivíduo possuía antes de ingressar nas unidades de triagem, alguns homens atuavam como catadores independentes, outros nas safras do camarão e da cebola (dois ciclos produtivos típicos da região). Há também aqueles que trabalhavam na construção civil e outros que viviam de serviços temporários. Já no caso das mulheres, algumas eram catadoras independentes, outras assumiam a condição de donas de casa ou eram diaristas. Isso permite concluir que grande parte dessas pessoas eram, e continuam, trabalhadores/as essencialmente do mercado informal de trabalho. (AMARO; VERDUN, 2016, p. 316).

Ainda hoje, quando consideramos as últimas pesquisas e informações encontradas, observamos que as mulheres estão em maior número nesse contexto de cooperativa de triagem.

As catadoras, em muitos casos arrimos de família, são verdadeiras lideranças comunitárias que agregam, conciliam e organizam outros trabalhadores em seu entorno. A função de administradora familiar vai de encontro com a necessidade das organizações autogestionárias (cooperativas e associações) que hoje vem sendo incluídas formalmente nas políticas públicas e fomentadas pelos

Governos. É recorrente a atuação das mulheres do trabalho de triagem e classificação dos materiais, trabalho que é considerado núcleo principal do processo produtivo das organizações de catadores, por isso também é a função que recebe maior pressão interna dentro do empreendimento, além de ser uma atividade pouco valorizada frente a funções consideradas “mais pesadas” como a operação de maquinário, deslocamento, carregamento e transporte de materiais, funções consideradas masculinas. É recorrente observar o trabalho feminino sendo pago com valores inferiores aos dos homens. (MNCR, 2017, s.p.).

O bairro Augusto dos Anjos abriga hoje uma população de, aproximadamente, 235 famílias em situação de vulnerabilidade social, em posses de terras, sem esgoto, sem água, e a luz elétrica existente é distribuída de forma incorreta. Algumas das mulheres que desenvolvem atividades na cooperativa são moradoras desse bairro ou moradoras dos bairros do arredor, como Castelo, Santa Rosa e, principalmente, do Bairro Santa Rita, local onde começou a ideia e a organização da cooperativa.

As cooperativas, que surgiram como alternativa ao sistema capitalista, são compostas por pessoas juntas por um objetivo, dividindo equitativamente seus “frutos”. No Brasil, as cooperativas iniciaram como auxílio para financiamento da agricultura. Hoje, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) divide em sete os ramos de cooperativas. No total, 6,2 % dos brasileiros são associados a cooperativas, número que, no Rio Grande do Sul, sobe para 24,8 % (OCB, 2019, s.p.).

Cabe destacar que a formação do bairro em torno do lixão, no qual a cooperativa está situada, se deu após o lixão estar consolidado no local. Não há fontes que caracterizem a formação da comunidade de pessoas que foram para áreas próximas ao depósito do material para ficarem mais perto e, desse lugar, tirem o seu sustento. Vislumbrando buscar o sustento das suas famílias, trabalhar com material reciclável, esse lugar tornou-se uma maneira viável de gerar renda e sustento para suas famílias.

Dessa forma, percebendo o mundo e o simbolismo que se apresentam para essas mulheres catadoras, as suas falas proporcionaram, e acreditamos que ainda proporcionarão, uma reflexão sobre suas vidas e trabalho, o reconhecimento de si enquanto mulher e o reconhecimento de seus esforços e trabalho, propondo o diálogo direto como troca de saberes e valorizando os ensinamentos de umas para as outras. Isso possibilita o que Freire (2005) nos mostra como a materialização da linguagem, a mediação entre os sujeitos e o mundo, dessas mulheres e tudo que as rege, como suas

angústias, vivências, propiciando um pensar e (re)pensar sobre tudo o que as rodeia, proporcionando, assim, um espaço de reflexão.

## 2. DIÁRIOS DE OUTRAS BITITAS

No Diário de Bitita (1986), Carolina Maria de Jesus descreve, de uma forma muito simples, seu cotidiano de mulher negra, pobre e moradora da periferia. Em seus escritos, expressa a visão de mundo e também o papel histórico de uma imensa parcela da população oprimida do Brasil. Nessa perspectiva, os cadernos escritos por Carolina de Jesus narram aspectos cotidianos de uma parcela oprimida historicamente, conforme mencionado anteriormente.

Seguindo a lógica de que essas vozes, por muitas vezes, não são ouvidas, necessitamos que outras Bititas ocupem os espaços e narrem suas vivências. Para que possamos compreender a perspectiva antropológica, corroboramos com Geertz (2008) cujas pesquisas mostram a necessidade de estudos que levem em consideração, em análises culturais, as concepções de vida, as realidades econômicas e políticas. Para o autor,

[...] olhar as dimensões simbólicas da ação social — arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum — não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas. A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram — apascentando outros carneiros em outros vales — e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que homem falou (GEERTZ, 2008, p. 27).

Nesse sentido, faz-se necessário observar e compreender a lógica de organização dessas mulheres. Gebara (2000) afirma que a mudança vem da organização das pessoas e de suas reivindicações coletivas, que acabam por proporcionar às envolvidas uma forma de se movimentar no sentido que aponta a autora, de o movimento ser a mobilidade dentro do campo social.

Assim, o campo social proposto entre os materiais recicláveis, visto por uma parcela da sociedade como lixo, mas, para outra parcela, neste momento referimo-nos diretamente às catadoras, é visto como sustento e uma forma de salvar o ambiente. Esse

campo nos traz atrizes sociais tornadas invisíveis por conta de suas atividades. Neste ponto, podemos pensar que, aqui, temos, como Gebara (2000) sinaliza, uma mobilidade social e uma mobilidade feminina. Em suma, nós, enquanto mulheres, estamos em processo constante de mobilidade, ao tentarmos nos incluir cotidianamente no mundo do trabalho e garantir, com dignidade, espaços sociais e políticos.

Essas mulheres representam e nos apresentam a uma parcela de mulheres excluídas socialmente e que têm suas vozes silenciadas pelo preconceito do lugar onde trabalham, pela ordem das bicadas (SAFFIOTI, 1987), e o movimento que essas mulheres realizam em seu cotidiano, umas com as outras. Vilma Piedade (2017) nos lembra que a ligação entre mulheres tem força. Entre mulheres não brancas, mulheres negras, essa ligação vem com dor, uma dor que força o silêncio e mantém um vazio no ventre, trazendo para nós o conceito de dororidade, que será apresentado posteriormente.

Acrescentamos, ainda, o fato de que os corpos dessas mulheres, aliás, os corpos de mulheres, são corpos que resistem, enfatizando que “los cuerpos son lugar de acogida y de adhesión, pero también son sede de resistencias, de rupturas y de luchas. Los cuerpos se rebelan, se resisten.” (MENDÉZ, 2019, p. 88). O referido autor nos fala sobre os corpos que “cuerpo con marcas de historias, de disciplinas, de sometimientos y resistencias, en el que se encuentran registradas las huellas del sufrimiento y del placer, de las búsquedas y las conspiraciones” (MENDÉZ, 2019, p. 91-92).

Falar de mulheres, sobre mulheres... Ou melhor, proporcionar uma pesquisa em que construímos juntas, com muitas mãos, o lugar de fala para mulheres e suas invisibilidades é propiciar que as nossas ancestrais estejam presentes nesse processo, pois muitas das mulheres que me antecederam, desejaram estar em um lugar emancipatório, promovendo a escuta e o relato de vozes que, por muito tempo, foram silenciadas. Segundo Perrot (2005), são vociferantes, megeras, a partir do momento que abrem a boca, histéricas, assim que começam a gesticular.

E, corroborando com a fala de Saffioti (2014), que nos traz a importância de envolvermos todas e todos nessa luta, no movimento contrário de que nos foi estabelecido socialmente, levando-nos a confrontar nosso apagamento histórico, caminhamos em sentido reverso às ordens patriarcais, que, por muito tempo, determinaram o que poderíamos ou não fazer e nos silenciaram e silenciam brutalmente.

Propomos uma reflexão sobre as relações das mulheres que estão inseridas nesse espaço denominado formalmente por cooperativa. Nesse local, estão presentes predominantemente trinta e três (33) mulheres e apenas seis (6) homens. Nessa relação, há aspectos de grande valia aos estudos feministas, visto que as relações e os laços que estão colocados nas vivências proporcionam a possibilidade de vivenciarem aspectos com os quais nos deslumbramos e lutamos diariamente.

Dessa forma, acreditamos que, ao retratarmos o campo das mulheres da pesquisa, proporcionamos visibilidade a essas mulheres que têm o desejo de contar suas histórias. Assim como no livro de Carolina Maria de Jesus (1967), no qual, desde a apresentação, é colocado o papel da mulher pobre e trabalhadora como participante-ativa seu tempo e de sua história, esta pesquisa quer ouvir e ver essas mulheres.

O lugar de fala para as mulheres que se encontram na catação é quando a escuta é oportunizada por aqueles que se dispõem, por meio do diálogo, a ouvir suas muitas histórias, realçando, assim, suas identidades e suas percepções de mundo. Com isso, criamos mecanismos que desmistificam o espaço que é tão estigmatizado, o espaço de catadora de material reciclado.

Assim, busca-se fazer isso proporcionando um combate a toda espécie de preconceito, promovendo uma desconstrução da estrutura patriarcal que subalterniza, alija e nos faz naturalizar as formas de opressões presentes em nosso cotidiano, em torno da atividade de catador, sobretudo, de mulheres catadoras de resíduos recicláveis. Pela lógica da exclusão da mulher, presente na sociedade patriarcal e pelo tipo de atividade exercida por elas, a catação, corroboramos com a fala de Saffioti que assim se manifesta:

As mulheres são amputadas, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem. (SAFFIOTI, 2014, p. 37).

Para Vèrges (2020, p. 134), “o trabalho há tanto tempo exercido pelas mulheres - o trabalho de “limpeza” - é indispensável para a perpetuação da sociedade patriarcal e capitalista”. Esse trabalho é invisibilizado dentro da sociedade, prática que se perpetua até os nossos dias. Na visão da autora, o processo de limpeza e cuidado atribuído

majoritariamente às mulheres é uma construção do patriarcado que separa o mundo entre sujeira e limpeza. Essa separação social baseia-se no indivíduo que suja usufruir da limpeza e, do outro lado, “há uma humanidade se dedicando a fazer um trabalho invisível e superexplorado para criar um mundo adequado ao consumo e a vida institucional” (VÈRGES, 2020, p. 127). Nesse sentido, cabe ao feminismo trazer essas experiências vivenciadas das vozes silenciadas e, ao mesmo tempo, denunciar a estrutura social, política, econômica.

Desconsiderar o modo estruturador do patriarcado significa furtar, do debate de libertação e emancipação feminina, o próprio contexto de suas opressões mais profundas: “Colocar o nome da dominação masculina - patriarcado – na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna natural essa dominação-exploração” (SAFFIOTI, 1987, p. 49). Sendo assim, a partir dessa perspectiva, entendemos que o patriarcado designa a formação social em que homens detêm o poder.

Uma sociedade estruturalmente machista tende a nos excluir enquanto protagonistas de nossas próprias histórias, excluir-nos do âmbito público e afirmar que o nosso espaço é o espaço do lar. Falar sobre a estrutura da sociedade é uma forma de colocar o dedo na ferida dos homens que ocupam o poder e não poupam esforços para que lá se mantenham.

O trabalho da mulher é cuidar, ligado ao “dom” maternal. A história decretou o espaço do trabalho da mulher como “sendo a forma privilegiada de expressão do amor na esfera dita ‘privada’, os gestos repetitivos e os atos cotidianos de manutenção do lar e de educação dos filhos são atribuídos exclusivamente às mulheres” (HIRATA; ZARIFIA, 2003, p. 66). Afinal, o “tempo” da mulher era de menor valor que o dos homens, visto que às mulheres está “destinado” o trabalho privado, da casa e, aos homens, o espaço público, fora do cercadinho da casinha feliz. Enquanto o trabalho da mulher era um “dom natural”, ao homem cabia transformar a natureza, sendo seu trabalho útil.

Mulheres sempre trabalharam como mães, esposas, concubinas, escravas, entre muitos afazeres, quase a totalidade sem retribuição alguma. Com o passar dos anos, o “trabalho de mulher”, as relações de trabalho vão mudando para se adaptarem ao modelo capitalista mais lucrativo. Assim como modelos jurídicos de relações familiares ainda não

encontram aporte legal mesmo existindo, a mulher trabalha e, por vezes, sem a legislação apoiar as especificidades biológicas (gravidez) e sociológicas (maternidade).

Embora haja o aumento de mulheres que trabalham de forma expressiva na década de 1990, em meio à globalização, o trabalho ficou precarizado. Desigualdade salarial, condições de trabalho insalubres, descaso com a saúde da mulher são alguns dos problemas que aumentaram proporcionalmente ao aumento de trabalho assalariado, além da manutenção ao não reconhecimento do trabalho doméstico como trabalho, relegando-o ao espaço do cuidar feminino.

A condição de trabalho subalterno perpassa pela vida das mulheres da catação que, desde muito cedo, estão inseridas no trabalho, tirando dele sua subsistência. Dentro do mundo capitalista, essas mulheres foram ceifadas, restando-lhes buscar outras alternativas para sobreviver.

As mulheres e o coletivo são construídos também pelo posicionamento político, ao dar protagonismo às vozes de mulheres subalternizadas. Ao trazer a afirmação sobre “quem busca a sua identidade fora de si está condenado a viver na ausência de si mesmo”, Vilma Piedade (2017, p. 17) explica como as mulheres negras, na luta pelo feminismo, encontram outras batalhas, externas e internas, que podem retirá-las das organizações.

A maioria dos trabalhos que a mulher exerce, exige pouca qualificação e resulta em salários e ambientes precarizados. Conforme afirmação de Hirata (2003, p. 16), “o modelo de trabalho precário, vulnerável e flexível tomou, nos países do Norte, a forma de trabalho em tempo parcial e, nos países do Sul, a forma de trabalho informal, sem estatuto e sem a menor proteção social”. Isso posto, salientamos que as mulheres sul-americanas, especificamente no local estudado, as brasileiras pobres, negras e periféricas acabam ocupando esses espaços e ambientes precários de trabalho, porque há muito tempo essas mulheres já ocupavam o campo de trabalho, sendo, frequentemente, as responsáveis por prover o sustento de uma prole.

Nesse contexto de emprego, subemprego e precarização de mão de obra feminina, nascem as cooperativas como viabilização do processo de trabalho, proporcionando que as mulheres pobres possam ter alternativas de subsistência, ou seja, ter o mínimo para sua sobrevivência, como alimentação e moradia. Nesses espaços, as mulheres empobrecidas e excluídas do mercado de trabalho têm a possibilidade de inserção social e acessam redes

de solidariedade que podem proporcionar o fortalecimento de vínculos de sociabilidade e de empoderamento.

Resistir, para mulheres que ocupam a periferia, é sobrevivência, é lutar para ter a mínima mobilidade para se constituir socialmente, para viabilizar que sua família tenha sustento e preconizar seu trabalho para que sua prole ter outras possibilidades de mobilidade que não as mesmas dessas mulheres chefas de família.

Acreditamos que construímos a luta da mulher na sociedade de classes a partir da nossa perspectiva histórica. Corroboramos com Saffioti (2014), quando nos mostra que, por muito tempo, fomos silenciadas, apagadas de nossa própria história. Por isso, conforme acordado com as participantes da pesquisa, optamos por deixar seus nomes reais, para que elas contem sua própria história e trajetória que as constituíram e constituem enquanto mulheres.

Quem são elas? Este é o encontro (dentre os muitos, mas este foi formal) com as mulheres que compõem esta pesquisa. É neste espaço que elas se apresentam, mas se apresentam não somente no falar, mas se mostram para nós por meio dos registros, considerando o novo contexto da sociedade, o contexto de pandemia.

*Bom eu sou a Marina, meu nome é Marina Inês Viguei Menezes, eu tenho 49 anos sou solteira, trabalho na cooperativa Santa Rita faz desde que inaugurou, oito anos vai fazer já. Oito anos, já tem oito anos, todo esse tempo!*

*Meu nome é Gessy Chaves Prates, meu estado civil? Eu sou casada, a idade 62, tenho ensino médio completo, terminei já adulta, estava no conselho quando eu terminei.*

*Meu nome é Maria Juraci da Rosa Ribeiro, sou casada, essa minha idade que eu não sei agora. 50 e pouco, mas não sei, acho que tenho mais de 50, mas não sei agora, sou de 07 de fevereiro de 63, eu acho. Sou casada no civil e na igreja, tenho meu marido um monte de anos, eu estudei lá mesmo, eu estudava quando eu morava nas granjas, também estudei nos colégio de lá, mas agora eu estudo lá. Eu já morei em Santa Vitória, mas eu nasci em Santana da Boa Vista, eu conheci meu marido a gente casou e fomos para Santa Vitória de trabalho, até chegar na cooperativa Santa Rita. Eu, quando era solteira, eu vim com 12 anos, eu conheci meu marido aqui em Rio Grande, a gente casou, depois a gente foi para Santa Vitória, ficou umas fia minha pra lá.*

A nossa luta também nos constitui enquanto mulher. Assim, neste ponto da pesquisa, o pessoal é político<sup>8</sup>, conforme destacamos nas falas de Gessy:

<sup>8</sup>HANISCH, C. The Personal is Political. Notes from the Second Year: Women's Liberation, 1970.

[...] Mas aqui ainda no Profurb, mas até então chegar aqui não tinha luz, muito mosquito, muita, muita dificuldade. A gente com criança pequena, né? A gente saía o ônibus nem vinha até aqui, vinha até o antigo final da linha da noiva do mar. [...] Tá, aí fiquei morando ali, cada um com a sua vida, né?! Minhas irmãs também, cada uma com sua vida, aí alguma coisa tinha que ser feita. Aí tinha um antigo Chácara aqui atrás, era o seu Helder, né? Ele era bem dizer o dono de todo esse pedaço de terra que tinha aqui, ele era, na época, era um português, uma pessoa bem ativa, gostava de conversar. Aí conversando, ele dizendo “se tivesse uma associação, alguma coisa assim, né?” Eu nem conhecia o que era associação, a gente sempre se reunia, era um grupo e conversava. Aí assistência não tinha nenhuma, nem posto médico, nada, nada.

O que observamos, ao longo de nosso percurso, é que Gessy representa o ponto em comum dessas mulheres. Ainda nova, reinventou-se e descobriu a necessidade de fazer parte dos movimentos políticos e sociais da cidade de Rio Grande/RS, compreendendo a luta coletiva e a necessidade de ecoar as vozes das mulheres subalternizadas. Falar do encontro de Gessy com Maria e Marina é também pensar no esperar que esse encontro nos traz enquanto mulheres. É pensar que uma constitui a identidade da outra e ambas caminham juntas no trabalho e no pessoal: afetividade. Falemos desses encontros. Piedade nos aponta, acerca do conceito de dororidade, que

[...] sororidade, etimologicamente falando, vem de sóror-irmãs. Dororidade vem de dor, palavra-sofrimento. Seja Físico. Moral. Emocional. Mas qual o significado da Dor? Aqui tá no conceito. A palavra Dor tem origem no latim, dolor. Sofrimento moral, mágoa, pesar, aflição, dó, compaixão. Não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem sente. Há dor. Dor dói e ponto. (PIECADE, 2017, p. 17).

E é através dessa dororidade que os caminhos dessas mulheres se entrelaçam em busca de algo novo, na busca pelo conhecimento pela formação, no sentido literal da palavra, o encontro com as educações e de uma nova forma de esperança, vislumbrada no processo de formação da cooperativa, o que faz com que as histórias passem a ter um outro contexto.

[...] a Gessy teve aqui e disse pra mim “estão fazendo uma chapa, tu não queres participar, Marina? Vamos participar, tu não está trabalhando, é um meio de ganhar dinheiro, tu conhece o material”, aquela história toda. Eu disse “tá, vamos. Vamo, Gessy!” Comecei a participar das reunião, né? Nesse meio tempo, apareceu o camarão, era safra do camarão, e a gente ia descascar o camarão na Cohab IV. Ia eu, a Gessy, a maioria das mulheres da comunidade Santa Rita e que iam trabalhar na cooperativa, também descascavam o camarão, E lá no Camarão aquela brincadeira, sempre rindo e brincando. Graças a Deus, a gente tem alegria, né?! A gente vê, a gente vinha todas cheirando camarão, mas a gente vinha para reunião até o dia da inauguração. Inaugurou a cooperativa, nós fomos trabalhar na cooperativa... Cooperativa foi assim que começou. (MARINA)

A partir dessa fala, vemos que esta parte da pesquisa vai muito além de falar nomes, apresentar essas mulheres. É sobre os encontros, é sobre o nascimento de união e afetividade que as une e constitui suas identidades. É sobre cooperativa e união, é compreender a necessidade do trabalho que elas realizam. É sobre os espaços ocupados pela Gessy, que motiva as outras mulheres, que dialoga com autoridades e se faz presente, mesmo com tanta precariedade em seu lugar de trabalho. Assim, mesmo compreendendo a sociedade excludente e estruturalmente racista em que vivemos, ela rompe estruturas e ocupa os espaços que são nossos, que são dela por direito.

Falamos de um empoderamento de si, para que isso reflita nas outras. A luta e a identidade dessas mulheres estão ligadas ao coletivo, neste caso, ao coletivo de mulheres que compõem a cooperativa Santa Rita. Ousamos ainda nomear carinhosamente de Gessy, o ponto em comum entre elas. Nenhuma solta a mão da outra. Nas palavras de Joice Berth:

Ora, se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum – ou alguns – elementos em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos que com alto grau de recuperação da consciência de seu eu social. (BERTH, 2019, p. 52).

Portanto, o que podemos compreender, a partir do encontro dessas três mulheres, é que elas se estruturam, movem-se coletivamente. É a prática do dar as mãos, no sentido figurado, é o que vislumbramos dentro do feminismo que discutimos com os nossos pares. Todos os dias, elas praticam o ato de se empoderar coletivamente, construindo-se enquanto mulheres e resistindo, se educando entre si. E é neste sentido que conseguimos pensar o trabalho atrelado à educação. As mulheres que se movimentam coletivamente desnaturalizam relações opressoras, orientam movimentos, constroem no espaço da cooperativa espaços de diálogos e desconstruções, educador que vai além do proposto em sala de aula.

Marina, Gessy e Maria estiveram, desde cedo, atreladas ao trabalho como sobrevivência, tendo, assim como todas as mulheres que ocupam as camadas mais baixas da sociedade, o trabalho como constituição de suas vidas, desde muito cedo e desde sempre.

Enquanto a luta feminista da classe média e rica vislumbra, em seus discursos, a equidade dos salários, as mulheres pobres, na maioria das vezes, necessitam de uma melhor condição de trabalho e de sobrevivência. Entre as lutas, há um grande vilão, em ambas as situações, o capitalismo e o patriarcado. Falar de patriarcado é falar do capitalismo, pois esse sistema econômico opressor reforça ainda mais a ideia de domínio dos homens sobre as mulheres.

Carolina Maria de Jesus (1986) fala e trata de suas lutas cotidianas. Por isso, ao longo da construção da escrita, tratamos e dialogamos sobre as sobrevivências ou sobre as vivências das mulheres e a luta para que conseguissem se tornar as mulheres que elas são.

E eu sentava no sol para ler. As pessoas que passavam olhavam o dicionário e diziam:

- Que livro grosso! Deve ser o livro de são Cipriano.

Era o único livro que os incientes sabiam que existia e existe. Começaram a propalar que eu tinha um livro de são Cipriano. E comentavam:

- Então ela está estudando para ser feiticeira, para atrapalhar a nossa vida. O feiticeiro reza, e não vem chuva; o feiticeiro reza, vem a geada.

Quando a minha mãe soube, avisou-me:

- É melhor você para de ler esses livros, já estão falando que é livro de são Cipriano, que você é feiticeira.

Eu dei uma risada estentórea. As pessoas que ficam esclarecidas e prudentes sabem conduzir-se na vida. (JESUS, 1986, p. 178).

O olhar do outro sobre as mulheres vem carregado de machismos. Apontamos a dor do “ser mulher”, quando as participantes da pesquisa relatam suas lutas cotidianas para continuarem vivendo e se mantendo na sociedade estruturalmente patriarcal. Vejamos, a seguir, a fala de Marina sobre corpo violado, assédio e estupro. Sobre vivências...

*Tinha 17 anos, e queres que conte a história toda, né? Eu saí da fábrica, estava com 17 anos na época. Saí da fábrica já era tarde, e tinha um homi atrás de mim, e eu não vi aquele homi. Ele me violentou, eu era virgem, ele me violentou e eu engravidei. Ele tem 33 anos. Aí eu conheci um rapaz que disse que ia assumir a criança e na prática não acontece. Meu pai veio de Santa Catarina, eu não fiz pré-natal, eu não fiz nada, quando ele nasceu, nasceu doente meu pai disse pra mim “eu crio ele pra ti”. Eu entreguei meu filho pra ele, tá? E depois meu pai levou ele embora. A gente conversa, mas não tem aquela afinidade, tenho como irmão. Aí em seguida já engravidei do Maicon, meu filho mais velho, aí eu aprendi a ser mãe. (MARINA).*

Falar sobre o ser mulher em uma sociedade que legitima a prática de estupro e permite que nos matem em “defesa da honra” dos machos, falar abertamente sobre estupro é colocar o dedo na ferida. Querem calar a nossa voz, mas a gente existe e resiste. Marina resistiu e resiste!

“Eu gosto de estar no meio da mulherada, pra mim o trabalho da cooperativa é muito valorizado”. Com essa fala de Gessy que enfatizamos é que dialogamos a respeito de sentimentos, sobre como se sentem enquanto mulheres trabalhando na cooperativa. Falas como a da Gessy nos emocionam, nos transmitem esperança e nos movem a continuar a dialogar com todas as mulheres, por meio de uma pesquisa militante que alcance e mobilize diferentes pessoas e espaços e que, por meio das esperanças propagadas e construídas por essas mulheres, elas vão se educando entre si, construindo, com as muitas mulheres que passaram e passam por este espaço, e se constituindo e reconhecendo enquanto mulheres.

## **PALAVRAS FINAIS**

A epígrafe desse texto traz Carolina de Jesus, que foi um dos fios condutores para o diálogo com as mulheres dessa pesquisa. Dialogar e mostrar parte de diálogos mais estreitos com as mulheres que trabalham na cooperativa, precisamente a condição de se falar de feminismo além dos muros da escola e da academia, possibilitou que enxergássemos suas experiências e vivências e, para, além disso, nos aproximou de um feminismo que não está posto, colocou-nos próximas de um feminismo construído a partir da prática, sendo essas mulheres políticas ou apolíticas. Permitiu, sobretudo, que conhecêssemos outros modos de educar.

Cotidianamente essas mulheres dialogam, educam a si mesmo e criam espaços de resistência em meio ao lixo. Catam livros para si, ajeitam sala de aula, fazem poemas, dão as mãos e praticam o que vislumbramos em muitas discussões. Estar neste espaço e conhecer a história das mulheres é ver, na prática, aquilo que Carolina de Jesus já nos contava em muitos de seus escritos e que Freire (2005) nos permite esperar.

Estar entre essas mulheres ressignifica a nossa luta feminista e proporciona aprender, na prática, os desejos de sororidade e dororidade que, para nós, são muito caros, mas que, muitas vezes, não compreendemos tão bem, pois falamos de dentro do muro acadêmico. Com isso, acreditar que é possível um feminismo para todas, dialogar com pessoas que aparentemente são invisíveis para nossa sociedade, que vivem à margem e têm seu trabalho estigmatizado é dar nome, ouvir e dar a vez às mulheres que fazem um trabalho fundamental para a sociedade. Trata-se de entender que, nesse processo capitalista, enquanto alguns estão no topo da pirâmide oprimindo, existe uma grande parcela da sociedade que sobrevive de migalhas.

A escuta de três mulheres apenas, ou seja, apenas uma parcela desse contexto tão gigante, que é o trabalho de mulheres na catação, acendeu o desejo de escutar todas aquelas vozes que se mantiveram trabalhando durante um período em que praticamente todo mundo parou, em que boa parte da população teve o privilégio de cumprir, pelo menos parte de sua quarentena, em casa, com sua família, e o quanto ainda temos de ouvir, aprender a praticar a escuta. Temos muito a dizer enquanto pesquisadores, mas é o momento de ouvir a voz dos que ficam à margem da sociedade. Há muito para ser dito e ensinado a nós sobre ser mulher nessa sociedade de classes e, principalmente, ser mulher trabalhadora e periférica.

A história dessas mulheres se entrelaça, uma aprende com a outra, ensinando-se mutuamente. A educação, neste caso, se dá muito além da sala de aula. Elas se protegem, se permitem cuidar e ser cuidadas umas pelas outras.

Até a chegada à cooperativa, cada mulher foi criando suas possibilidades, resistindo e lutando do jeito que conseguia, até que elas se encontraram. Não foi o destino, foi a luta. Falar sobre a chegada e construção da cooperativa torna-se fundamental, assim como falar como essas mulheres se sentem enquanto mulheres e como enxergam o seu trabalho.

## REFERÊNCIAS

AMARO, Aurélio Bandeira; VERDUM, Roberto (orgs.) **Política Nacional de Resíduos Sólidos e suas Interfaces com o espaço geográfico: entre conquistas e desafios**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 309-320 DOI: 10.21826/9788563800237

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 214p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed., IS.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da Senzala Feminina: Mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo**. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2000. 111p.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, PHILIPPE. O conceito do trabalho. In. SÃO PAULO. Prefeitura Municipal Coordenadoria Especial da Mulher. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas / Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.)**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 65-70.

HIRATA, Helena. Por quem os sinos doam? Globalização e divisão sexual do trabalho. In. SÃO PAULO. Prefeitura Municipal Coordenadoria Especial da Mulher. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas / Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.)**. - São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 15 -30.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**. Edição Popular. São Paulo: Editora Saraiva. 1960.

JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

JUNIOR, Jenes Damasceno; EMEMRDOERFFER, Márcia. Lixão e catadores: a interação desumana e a busca da cidadania. ICTR 2004 – Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia em Resíduos e Desenvolvimento Sustentável. Santa Catarina, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MÉNDEZ, José Mario. Cuerpos, Pedagogías y Diversidades: redescubrir el placer de aprender. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 21, p. 85-98, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v21i0.4597>

MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: < <http://www.mncr.org.br/>> Acesso em: 20 dez. 2020.

MOTTA, Daniele Cordeiro. **Desvendando o nó: a experiência de auto-organização das mulheres catadoras dos materiais recicláveis do Estado de São Paulo**. 2017. 196 f. Tese **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-22, ano 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.6327>

(Doutorado) - Curso de Doutorado em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017/.

NOGUEIRA, Maria L. M.; BARROS, Vanessa, A. de; ARAÚJO, Adriana D., G.; PIMENTA, Denise. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 12, São João del Rei, 2017.

OLIVEIRA, Artur Santos Dias De. **Lixões: O preço da Ignorância**. Rio Grande: Salesianos, 1992. 90p.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **Sistemas OCB**, 2019. Disponível em: <  
<https://www.ocb.org.br/publicacao/53/anuario-do-cooperativismo-brasileiro-2019>>  
Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005. 520 p.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. 106p.

SAFFIOTI, Helleieth I. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SOLOMON, Barbara Bry ant. **Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities**. Nova York: Columbia University Press, 1976.

VÈRGES, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 144 p.

Enviado em: 04-05-2021

Aceito em: 28-09-2021

Publicado em: 12-10-2021